

Design do fracasso: A transgressão como resistência contra-hegemônica na prática do design

Designing for failure: Transgression as counterhegemonic resistance in design practice

Sabrina De Andrade Müller^[1],
Guilherme Carvalho da Rosa^[2]

Resumo: A oposição entre sucesso e fracasso, de acordo com o autor Jack Halberstam (2020), é fruto da lógica social de assimetrias inerentes ao regime capitalista. O “sucesso” é reservado para uma parcela “bem sucedida” da sociedade, enquanto, para as margens, resta o “fracasso”. O design, por sua vez, localizado enquanto profissão no contexto capitalista, é quase indissociável desse ideal “bem sucedido”. A partir deste entendimento, a presente investigação visa refletir sobre as aproximações do campo do design com a prática social do fracasso, amparada por teorias dos estudos culturais, de modo a tecer críticas ao campo e imaginar possibilidades para um design transgressor que fomente a diminuição das desigualdades.

Palavras-chave: Design. Fracasso. Transgressão.

Abstract: *The opposition between success and failure, according to author Jack Halberstam (2020), is the result of the social logic of asymmetries inherent to the capitalist regime. “Success” is reserved for a “successful” portion of society, while “failure” remains for the margins. Design, located as a profession in the capitalist context, is almost inseparable from this “successful” ideal. Based on this understanding, this investigation*

[1] Bacharel em Design Gráfico, UFPel. sabrinaamuller@gmail.com

[2] Doutor em Comunicação Social, PUCRS.
guilhermecarvalhodarosa@gmail.com

aims to reflect on the approaches of the design field with the social practice of failure, supported by theories of cultural studies, in order to criticize the field and imagine possibilities for a transgressive design that encourages the reduction of inequalities.

Keywords: Design. Failure. Transgression.

1. INTRODUÇÃO

A presente investigação visa tecer uma breve reflexão sobre as aproximações teóricas do fracasso enquanto prática social com o campo do design. O conceito do fracasso, de caráter altamente transgressor, conforme apresentado pelo teórico Jack Halberstam em seu livro *A arte queer do fracasso* (2020), é uma forma de resistência às normas excludentes e contribui para a imaginação de novas maneiras de existir que não sejam estritamente guiadas pela necessidade capitalista de “sucesso”.

A compreensão do fracasso como prática social entende este como um trajeto inescapável para pessoas que não se encontram inseridas em padrões (hetero)normativos e capitalistas. Diante deste cenário, a estes corpos dissidentes, resta evocar um existir não pautado em uma narrativa excludente e solitária de sucesso, em uma espécie de aceitação e celebração deste fracasso “pré-determinado”.

A partir da exploração do conceito de fracasso surgiu a provocação de uma possível conexão do termo que pode ser feita com o campo do design: afinal de contas, se o design “normativo”, mediado por interesses mercadológicos, politicamente esvaziado e mantenedor de sistemas de desigualdade social (CIPINIUK, 2014), é considerado o “design de sucesso”, talvez um “design do fracasso” seja a alternativa mais saudável a se almejar.

2. CONTEXTUALIZANDO O FRACASSO

A priori da exploração da teoria do fracasso como forma de sobrevivência para vidas que não se encaixam nas “normas aceitáveis e reconhecíveis”, faz-se necessária uma compreensão acerca da marginalização de certos sujeitos. De modo

a entender esta forma de dominação e disparidade social, é apropriada a “baixa teoria”, cujo cerne é a sistematização de categorias culturais entre “altas” e “baixas” com o objetivo de desnaturalizar seus dispositivos (HALL, 2003; STALLYBRASS; WHITE, 1986; HALBERSTAM, 2020).

O entendimento da sociedade, geralmente, é simplificado a partir de uma categorização de *alto versus baixo*. Como o próprio nome sugere, o *alto* está relacionado ao clássico, ao erudito ou à própria classe alta. Já o *baixo*, antônimo direto do bem sucedido *alto*, foi deixado para as margens, relacionando-se ao popular e às classes baixas. Entretanto, é importante frisar que estas formas binárias de categorização não devem ser equiparadas (STALLYBRASS; WHITE, 1986). Apesar de gramaticalmente equilibrados, tratar o *alto* e o *baixo* como simétricos é uma prática que não reflete a complexidade das relações sociais:

eles [o *alto* e o *baixo*] podem possuir, e muitas vezes possuem, hierarquias simbólicas bem diferentes, mas como os *discursos altos* estão normalmente associados aos grupos socioeconômicos mais poderosos existentes no centro do poder cultural, são eles quem geralmente possuem a autoridade para designar o que deve ser entendido como *alto* e *baixo* na sociedade (STALLYBRASS; WHITE, 1986, p. 4, grifo e tradução da autora^[3]).

Segundo os autores, a separação entre *alto* e *baixo* atua na construção social, dividindo-se em quatro eixos: no corpo físico, no espaço, na ordem social e em formas psíquicas (STALLYBRASS; WHITE, 1986). Além disso, essa diferenciação serve como “base fundamental para o mecanismo de ordenamento e produção de sentido na cultura europeia e em outras culturas” (HALL, 2003, p. 340-341). Dessa forma, mesmo que uma pessoa não se perceba como *baixa* ou marginalizada, esta categorização social lhe é imposta contra a sua vontade e atua diretamente na trajetória dessa pessoa de maneira “incorporada” a ela. Conforme apontado por Judith

[3] Texto original em inglês: “Indeed they may and often do possess quite different symbolic hierarchies but because the higher discourses are normally associated with the most powerful socio-economic groups existing at the centre of cultural power, it is they which generally gain the authority to designate what is to be taken as high and low in the society” (STALLYBRASS; WHITE, 1986, p. 4).

Butler (2017), os poderes externos forjam sujeitos e os mantêm psicologicamente reféns do próprio corpo e do sistema.

No ensejo, a ideia de transgressão, conforme apontada por Stallybrass e White (1986), surge como uma saída para esse esquema de marginalização. Os autores apontam para uma manifestação transgressora que “indique não apenas a infração de estruturas binárias, mas o movimento para um espaço absolutamente negativo além da estrutura de significado em si” (STALLYBRASS; WHITE, 1986, p. 18, tradução da autora^[4]). Em outros termos, os atos transgressores precisam funcionar não apenas como demonstração de incômodo ou discordância, mas também devem trabalhar para a inversão dos valores simbólicos que causam opressões, visando uma retomada de poder às margens.

Voltando à discussão de Hall (2003), é possível enxergar o investimento de estudo na chamada *cultura baixa* como uma forma de transgressão da centralização acadêmica. A *teoria baixa* compreende formas de escapar das imposições binárias que ajudam na perpetuação deste tipo de classificação superficial. Deste modo, a *teoria baixa* age discutindo necessidades sociais que são percebidas diante de observações empíricas e colocadas em foco. Para Halberstam (2020), a *baixa teoria* tem sua principal relevância advinda desta organicidade e do caráter contra-hegemônico. O autor cita as microações como forma de transgressão acessível:

“ Acredito em baixa teoria em lugares populares, no pequeno, no inconsequente, no não monumental, no micro, no irrelevante; acredito em fazer a diferença pensando em coisas pequenas e compartilhando-as de forma ampla (HALBERSTAM, 2020, p. 45).

Ainda é possível relacionar estes termos com a práxis freireana. Segundo o educador brasileiro Paulo Freire (1987), o estudo teórico é melhor aproveitado quando construído em conjunto com a práxis, ou seja, quando há uma aplicação prática social das reflexões teóricas. De acordo com a tam-

[4] Texto original em inglês: “These designate not just the infraction of binary structures, but movement into an absolutely negative space *beyond the structure of significance itself*” (STALLYBRASS; WHITE, 1986, p. 18).

bém educadora bell hooks^[5](2013), cuja escrita reflete abertamente suas referências freireanas, os processos críticos de teorização capacitam as ações práticas. Em sua obra, ela insiste que a construção de reflexões e teorias não devem ser menosprezadas ou comparadas às ações práticas; as teorias precisam compreender tanto a natureza da situação quanto os meios pelos quais é possível trabalhar em uma resistência coletiva para, enfim, transformar a realidade.

O deslocamento da consciência reflexiva teórica, do centro para as margens, age de modo a subverter a hegemonia cultural, um sistema que forja a sucessão de um grupo dominante ao poder por meio da produção subjetiva dos dominantes e dos dominados (HALBERSTAM, 2020). De acordo com Stuart Hall (2003), a hegemonia cultural é um poder flutuante, pois

“ nunca é uma questão de vitória ou dominação pura (não é isso que o termo significa); nunca é um jogo cultural de perde-ganha; sempre tem a ver com a mudança no equilíbrio do poder nas relações da cultura; trata-se sempre de mudar as disposições e configurações do poder cultural e não se retirar dele (HALL, 2003, p. 339).

Conforme exposto pelo autor, não se trata de uma contranarrativa, *uma coisa ou outra*, e sim de um sistema engenhoso de disputas pela hegemonia cultural. Esse pensamento abre margens para a possibilidade de heterogenias, onde o poder não está centrado em apenas um grupo. Diante disso é possível enxergar uma possibilidade de transgressão das normas dominantes.

3. FRACASSO COMO PRÁTICA SOCIAL PARA A RESISTÊNCIA

Em contrapartida à binarização do *sucesso* contra o *fracasso*, Hall (2003) compreende os *estudos baixos* como ferramenta de transgressão, de forma a construir uma consciência ampla sobre as problemáticas da sociedade para além da visão da

[5] Escrito propositalmente em letras minúsculas, bell hooks é o pseudônimo da autora Gloria Jean Watkins. Em seus livros e nas citações encontradas, a autora refere-se a si mesma em letras minúsculas. Relacionado a isso, em meados de 1925 existiu um movimento entre os designers da Bauhaus que apontava para o uso exclusivo de letras minúsculas. Eles defendiam romper com os ideais de autoridade e hierarquia expressados com o uso das letras maiúsculas, bem como provocar as estruturas textuais formais (PATER, 2020).

parcela dominante e subverter a hegemonia cultural. Os “fracassados” também passam a fazer parte deste jogo de equilíbrio e se fazem presentes nas diversas esferas da sociedade, apropriando-se de seus lugares e fazendo valer suas vozes.

Ainda que o termo “fracassados” soe pejorativo, sua utilização, no sentido aqui adotado, busca a ressignificação. Segundo Halberstam (2020), devemos encarar o fracasso não como conotação negativa, mas como uma alternativa ao sucesso que, conforme a alta cultura nos mostra, não é uma possibilidade acessível ou democrática. Para determinados grupos, marginalizados, o sucesso dificilmente será um desfecho e, por isso, é necessário desestigmatizar este conceito.

Nesse sentido, é possível observar a incorporação do fracasso como uma forma de práxis transgressora. De acordo com Halberstam (2020), a adoção do fracasso pode ser entendida como teoria crítica mas também como prática social libertadora:

“ Podemos reconhecer o fracasso como maneira de se recusar a aquiescer a lógicas dominantes de poder e disciplina e como forma de crítica. Como prática, o fracasso reconhece que alternativas já estão embutidas no dominante e que o poder nunca é total ou consistente; de fato, o fracasso pode explorar a imprevisibilidade da ideologia e suas qualidades indeterminadas. [...] A arte queer do fracasso aciona o impossível, o inverossímil, o improvável e o comum. Ela silenciosamente perde e, ao perder, imagina outros objetivos para a vida, para o amor, para a arte e para o ser (HALBERSTAM, 2020, p. 131-132).

A reflexão teórica construída em locais comuns, os *lugares baixos* e marginalizados, contribui para a idealização de formas de resistência contra normas dominantes e opressoras. Assim como Butler (2017) aponta para a conscientização de um problema de modo a ressignificá-lo, hooks (2013) e Freire (1987) defendem a ferramentalização da educação como prática de transgressão e libertação. Partindo das noções de *teoria baixa* é possível construir reflexões críticas advindas das necessidades das populações mais vulneráveis e

desatendidas pelo estado. Quando estes conhecimentos críticos são forjados a partir das vivências populares, são elaboradas teorias que não refletem apenas sobre fenômenos e problemáticas das classes dominantes, localizadas socialmente distantes das vivências mais precárias.

Em concordância com bell hooks (2013), é necessária a busca por teorias que ajudem a compreender as situações enfrentadas nas conjunturas atuais e que apontem para possibilidades de resistência coletiva, visando transformações sociais. Assumir a posição de fracasso como forma de recusa ao poder dominante é uma das alternativas de combate ao sistema hegemônico (HALBERSTAM, 2020).

A apropriação do fracasso como campo de batalha torna possível diferentes modos de pensar e agir que contribuem na construção de alternativas contrárias à hegemonia cultural dominante e, por consequência, estimulam a existência de pessoas subalternizadas. O discurso também é uma ação e as transformações populares grandiosas podem ter início nestas micropolíticas de libertação.

4. O CAMPO DO DESIGN E O FRACASSO

A partir da revisão do conceito de fracasso surge uma conexão do termo que pode ser feita com o campo do design. Tal campo, enquanto prática mercadológica, é, em grande parte, sustentado por uma sociedade que foi formada dentro do capitalismo tardio e, portanto, tem no consumo não apenas os valores regulares do sistema econômico, tal qual apresentados na origem marxista, mas também os efeitos do consumo para além do próprio ciclo de produção: tudo o que emerge da relação de consumo tem um caminho “espiritual” das coisas e também do sistema, tal qual localizam Boltanski e Chiapello (2017). Nesse panorama, forma e função se equivalem e estabelecem caminhos para o design moderno.

Em seu livro *O sistema dos objetos* (2008), Jean Baudrillard teoriza sobre estas relações de forma e função dos objetos dentro do contexto do consumo. Para o autor, os objetos são

carregados de simbolismos que, por sua vez, são construídos dentro deste sistema consumista. Nesse sentido os objetos libertam-se de suas funções propriamente ditas e passam a ocupar uma posição simbólica e de poder: eles se tornam os atores centrais do processo do consumo enquanto os indivíduos são meras testemunhas passivas consumidoras. Dessa forma, dentro do contexto modernista, o que se consome não é mais um objeto em si, mas uma ideia de um objeto e sua “alma” (BECCARI, 2011). O consumo, por sua vez, torna-se o caminho para a saciação desta ideia. Dessa forma, como apontam Boltanski e Chiapello (2017), fica explícita a tendência inerente do capitalismo de capturar desejos, mesmo quando abstratos, e mercantilizá-los em produtos. O design, por sua vez, é uma das forças facilitadoras desta engrenagem.

A criação de objetos considerados “frívolos” e a romantização do papel do designer na sociedade fez com que teóricos da área como Gui Bonsiepe (2006) e, no contexto brasileiro, Rafael Cardoso (2012) e Alberto Cipiniuk (2014; 2017) voltassem seus estudos a estes fenômenos. O questionamento que permeia os estudos desta área é sobre o tipo de valor social que o design pode oferecer e a concepção desse social que, no campo, admite muitas variações de tamanho.

Halberstam (2020) buscou explicitar a influência do sistema econômico na oposição de sucesso *versus* fracasso. Segundo ele, o fracasso, bem como o sucesso, são frutos da lógica social de assimetrias inscritas e inerentes ao regime capitalista:

“ O fracasso, obviamente, está associado ao capitalismo. Uma economia de mercado precisa ter ganhadores e perdedores, jogadores e pessoas que assumam riscos, vigaristas e vítimas. [...] O capitalismo exige que todo mundo viva em um sistema que iguale sucesso com lucro e conecta fracasso com a inabilidade de acumular riqueza, mesmo que lucro para alguns signifique certas perdas para outros (HALBERSTAM, 2020, p. 132).

Trazendo esta discussão para o campo, o design, localizado enquanto profissão no contexto capitalista, é quase in-

dissociável deste entendimento de “sucesso”, sendo validado pelas relações de consumo e lucro. Seguindo o pensamento, se determinada forma de exercer design não gera retorno financeiro ela pode vir a ser considerada um fracasso projetual e, conseqüentemente, descartada como possibilidade. É nesta resistência a um entendimento hegemônico e “bem sucedido” que a teoria da prática social do fracasso encontra a crítica ao campo do design.

O design, enquanto profissão, torna-se um sinônimo de “sucesso”. Paralelamente, enquanto identidade, a/o designer precisa estar sempre em busca de caminhos identificáveis para este sucesso. Assim, o design e, portanto, as/os designers, acabam inscritas/os dentro dessa sujeição capitalista que admite, essencialmente, apenas uma possibilidade de atuação: a mercadológica e bem sucedida.

A ideia do sucesso conecta-se, ainda, com uma figura positivista e patriarcal. O discurso do sucesso está normalmente entrelaçado em histórias meritocráticas de otimismo, superação, esforço e trabalho duro que, obviamente, não refletem as possibilidades oferecidas à grande parte das populações. Halberstam (2020) inscreve o fracasso ao lado do *queer* justamente por uma oposição ao sucesso que, na maioria das vezes, exige e contempla apenas a heteronormatividade.

O design, assim como o sucesso, também parece fundado em raízes patriarcais e exclusivas: existe uma “estrutura de sentimento” (WILLIAMS, 2011) que entende o design como um campo exercido por corpos masculinos, financeiramente privilegiados e intelectualmente superiores. Foge da alçada desta pesquisa investigar os motivos por trás desta projeção, porém é um empirismo que pode ter tido suas raízes na Bauhaus, de onde apenas os homens saíram prestigiados: apesar da admissão de mulheres na escola, disciplinas como arquitetura, pintura e escultura eram exclusivas para o “sexo forte”, enquanto para as mulheres eram ofertadas disciplinas que não eram tão “físicas” (GARCÍA, 2008). Essa percepção do exercício do campo também encontra lastro na predo-

minante presença masculina/heteronormativa em espaços privilegiados de design, como no mercado de trabalho, em especial na área da tecnologia, conforme validado pela pesquisa Panorama UX 2019^[6]. É importante frisar, no entanto, que tais constatações não devem ser compreendidas como uma generalização da profissão designer, mas como crítica diante desta estereotipação excludente e danosa às pessoas que não se encontram nestas normas.

No campo do design existe também uma espécie de “culto” à superioridade dos designers (CIPINIUK, 2014). Por exemplo, acredita-se que o design serve para impor ordem^[7] e, conseqüentemente, poder ao mundo (CIPINIUK, 2017). Ao desvelarmos as dimensões políticas (SERPA; MAZZAROTTO, 2021) presentes nessa frase, não fica explícito para quem esta ordem é benéfica ou não. Acreditar na “ordenação” como forma de resolver os problemas no mundo aparenta ser uma solução homogênea e simplista. Quando a prática de design é despida de seus inerentes atravessamentos políticos, como exemplificado, ela provavelmente apresentará soluções superficiais que não consideram as diferentes problemáticas envolvidas em uma sociedade. Assim, formam-se exigências sociais, oriundas de um senso comum, de como um designer deve parecer e agir. A figura “designer” é tida masculina, incumbida de poder, capaz de modificar o mundo às suas vontades e torná-lo um lugar melhor apenas com seu “dom” de projetar design.

O antropologista James Scott (1999 *apud* HALBERSTAM, 2020) emprega o termo “legibilidade” para referir-se a esta técnica modernista de ordenamento. Como alternativa a estes cânones tradicionais, ele sugere a ilegibilidade como forma de saber prática que enfatiza “mutualidade, coletividade, plasticidade, diversidade e adaptabilidade” (HALBERSTAM, 2020, p. 31). Voltando à oposição binária discutida nesta pesquisa, a ilegibilidade seria a forma fracassada. Pegando emprestado este pensamento, podemos apontar para formas fracassadas de praticar design, voltadas não à *solução dos*

[6] A pesquisa Panorama UX é uma iniciativa que visa mapear o mercado do design de usabilidade no Brasil. O resultado do levantamento do ano de 2019, cujo foco foi a diversidade das/dos trabalhadoras/os, pode ser conferida no link em: <https://brasil.uxdesign.cc/panorama-ux-2019-parte-1-diversidade-f7071114a4c9>.

[7] “Design é o esforço consciente e intuitivo para impor ordem significativa”, é uma citação de Victor Papanek (1971, p. 4 *apud* CIPINIUK, 2017), influente teórico do campo e autor do livro *Design for the real world*, de acordo com Cipiniuk (2017).

grandes problemas mundiais ou minimizadas aos trabalhos e metodologias empresariais. Se o design que é *de sucesso* é aquele pautado por uma agenda econômica, politicamente neutralizado, que contribui para a manutenção de assimetrias sociais, então esta prática *bem sucedida* não serve para um desenvolvimento saudável e igualitário da sociedade.

5. POR UM DESIGN DO FRACASSO

Como visto, existe uma ideia de design hegemônica, bem sucedida e, conseqüentemente, patriarcal. Contudo, é necessário que o campo admita um espectro social mais amplo, atingindo àqueles que não estão comportados nestas normas. Assim, indica-se para a prática do “design do fracasso”, cujo objetivo não é, necessariamente, retorno lucrativo ou uma *grande solução* individual e egotista, mas a criação ou o fomento de estruturas de sentimento que sejam úteis no combate às violências. Conforme apontado por Michel de Certeau (1998), é necessário apropriar-se das normas dominantes de modo a poder subvertê-las.

Imaginar uma prática de design “fracassada”, que atue na inversão de opressões sistêmicas, faz surgir caminhos de transgressão nas práticas dentro do próprio campo. Ao incorporar o fracasso, acabamos descobrindo formas de ser e agir libertadoras, livres da necessidade obrigatória de atingir o sucesso. Se a validação capitalista é o parâmetro definitivo para afirmar um projeto de design como bem sucedido, é provável que os projetos fracassados sejam bem mais sustentáveis, coletivos e transgressores, capazes de conectar pessoas de diferentes contextos e localizações sociais e, conseqüentemente, possam imaginar e desenvolver meios de combate à desigualdades, cooperando à construção de uma sociedade igualitária.

Para que o design projetual possa colaborar para a modificação de um conjunto social, é preciso que este cenário esteja no centro da prática, protagonizado por aquelas/es que conhecem o problema “na pele”. As/os designers devem in-

vocar ideais de transgressão, de inversão simbólica dos valores opressores, de modo a colocar as margens no centro das discussões doravante e exercer o fracasso pelo bem comum.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONSIEPE, Gui. **Design and democracy**. Design Issues. v. 22, n. 2, p. 27-34, 2006.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

BECCARI, Marcos. **O Design a partir do Sistema dos Objetos de Baudrillard**. In: IV Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade, 2011, Curitiba/PR. Anais do IV Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade. Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2011.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CIPINIUK, Alberto. **Design: o livro dos porquês**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Ed. Reflexão, 2014.

_____. **O campo do design e a crise do monopólio da crença**. São Paulo: Blucher, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

GARCÍA, Mariángeles. **Las mujeres olvidadas de la Bauhaus**. Yorokobu, 2018, *online*. Disponível em: <<https://www.yorokobu.es/mujeres-bauhaus/>>. Acesso em 10 out. 2021.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Recife: Cepe, 2020.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

STALLYBRASS, Peter; WHITE, Allon. **The politics and poetics of transgression**. Ithaca: Cornell University Press, 1986.

SERPA, Bibiana; MAZZAROTTO, Marco. **Eva viu a uva? Desvelando dimensões políticas em design com Paulo Freire**. In: II Colóquio de Pesquisa e Design: De(s) colonizando o Design, 2021, Fortaleza/CE. Resumos expandidos do II Colóquio de Pesquisa e Design: De(s) colonizando o Design. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará / Universidade Federal do Cariri, 2021.

PATER, Ruben. **Políticas do design**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.